

CONJUNTURA

“O problema do Brasil é a inflação e não a dívida externa”

por Ângela Bittencourt
de São Paulo

O principal problema do Brasil hoje não é a dívida externa, mas conter a inflação e restaurar a confiança na moeda. Esta é a opinião de Jeremy Morse, “chairman” do Lloyds Bank desde 1977.

Morse visita o Brasil pela sexta vez e confessa que a situação atual abre pouco espaço para o otimismo. “O clima atual não é encorajador para instituições que ainda não têm participação no Brasil e existe um paralelo também com empresas não-financeiras. As multinacionais que estão no Brasil até aumentam seus investimentos, mas não existe fluxo de novos investimentos”, assegura.

Esse quadro pode ser revertido, na opinião de Morse, com uma solução para o agravamento da inflação e da dívida externa, que se resume em questão política particularmente importante num ano em que o País

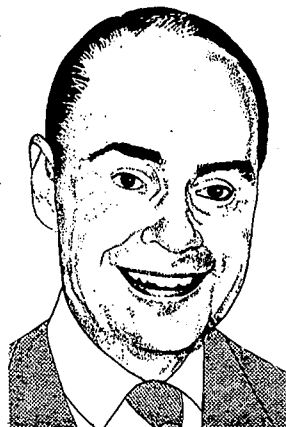
está passando por eleições presidenciais.

A problemática da dívida externa, que pode estar resolvida em cinco anos, na sua opinião, passa necessariamente pela restauração de financiamentos normais em mercado e retomada de investimentos internos e externos. “Repagar a dívida não é solução”, explica.

CONVERSÃO

A perspectiva de o governo brasileiro suspender as operações de conversão de dívida em investimento de risco no País e também as operações de “relending” é classificada pelo presidente do maior credor europeu da dívida brasileira como mais uma contribuição do setor externo dentro do conjunto de medidas contra a inflação.

“Preferíamos que a suspensão não acontecesse, mas entre ela não acontecer, e entre a suspensão da conversão e do ‘relending’, preferíamos manter a conversão.”



Jeremy Morse

O Lloyds — com exposição de créditos diretos de US\$ 1,4 bilhão — já converteu com deságio US\$ 80 milhões para capitalizar o próprio banco e seu associado, o Multiplic. Morse reforça que o Lloyds tem interesse em manter sua presença no Brasil, onde está representado há mais de um século. “No entan-

to”, comenta, “bancos que não estão presentes na América Latina estão procurando vender seus créditos e desfazer sua posição.

PESSIMISMO

Embora reforce seu pessimismo com o Brasil neste momento, Morse confessa sua satisfação com o fim da moratória. “O pior da moratória foi sua aplicação: sobre os bancos comerciais privados somente, não atingindo créditos de governos.”

O acordo da dívida, contudo, confirma, de acordo com Morse, que o processo de conversão e troca de créditos tem sido positivo tanto para o Brasil quanto para os credores. “Comenta-se que os bancos não estão arcando com sacrifícios neste acordo, mas nós temos que fazer provisões muito grandes e quando fazemos conversão o desconto sobre o crédito representa perda. Não gostaria de falar de perdão da dívida, mas isso já é uma forma de perdão.”